GeoNordeste

https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste
ISSN: 2318-2695

DOI 10.33360/geonordeste.v36i.19256

Recebido em 18 de maio de 2023
Aprovado em 25 de novembro de 2025

RESENHA DO LIVRO "IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO"

Alexandre Spera Galli
Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba.
a_sgalli@yahoo.com.br

Amanda Alves Queiroga
Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal da Paraíba.
amandaaqueiroga@gmail.com

Danilo Wilson Lemos Menezes
Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente e Técnico em Assuntos Educacionais do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da Universidade Federal da Paraíba.
danilo@reitoria.ufpb.br

Ideias para adiar o fim do mundo é uma obra publicada pela editora Companhia das Letras, em 2020. O objetivo da obra é propor uma reflexão crítica sobre a atual crise socioambiental, e apresenta uma série de reflexões e propostas que apontam para uma mudança de paradigma que leve em consideração a interdependência entre todas as formas de vida.

O autor, Ailton Krenak, ativista, jornalista e intelectual brasileiro, nascido do povo Krenak, em território do Vale do rio Doce, é uma das vozes mais eloquentes e decolonialistas do movimento socioambientalista e de defesa dos povos originários na atualidade. Os escritos do autor, embora sem conotações cientificistas ou academicistas intencionais, têm adentrado as academias e diversos círculos intelectuais, influenciando pesquisadores que se dediquem aos estudos socioambientais e as perspectivas decoloniais do pensamento. *Ideias para adiar o fim do mundo* está dividida em quatro partes. Os dois primeiros capítulos derivam de duas palestras proferidas por ele no ano anterior e três anos antes da publicação dessa obra, na cidade de Lisboa. O terceiro capítulo foi produzido a partir de uma entrevista concedida pelo autor, também em Lisboa, em 2017. A última parte, o posfácio, se propõe a um fechamento mais aos sabores acadêmicos tradicionais.

No livro, o autor não responde definitivamente nem descreve minuciosamente quais são suas "ideias para adiar o fim do mundo". De fato, é no transcorrer do texto que se constroem definições nada usuais como para o que é o mundo, ou mesmo a humanidade. Pouco a pouco conceitos, definições e ideias são sendo costurados de modo espontâneo, num diálogo ao mesmo tempo claro, profundo e oscilante, próprio de sua escrita e oralidade.

Abrindo sua fala, de modo delicado, mas incisivo, descrevendo sua "estranha sensação" (p. 9) frente às comemorações das invasões europeias nas Américas, Krenak aciona de modos subjetivos no leitor um ponto inquietante e central nas discussões que seguem. Como construímos esta ideia de humanidade, esta entidade abstrata e subjetiva, tão homogênea e homogeneizante? Não estaria essa construção histórica na base de muitas de nossas crises enquanto tal? Reflete o autor logo no início do livro.

Em concordância velada do autor com uma ideia de marco inicial do Antropoceno junto ao colapso colonial e a fundação da modernidade (MENEZES; SOUZA, 2022), esta noção de humanidade, intimamente ligada ao fenômeno moderno das invasões coloniais, vem como uma construção ocidental recente, derivada de uma ideia escatológica de missão civilizadora da cristandade europeia e levada a cabo no Novo Mundo através da cruz e da espada por sobre seus povos originários, suas culturas e suas próprias noções de ser humano, natureza e mundo, justificado pela "noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra" (p. 11).

Assim como Krenak, cientistas sociais também têm se perguntado quem é o 'antropo' do Antropoceno (Pádua, 2017) e podemos sim fazer coro ao autor e indagar quem é e onde está este sujeito homem genérico igual em toda parte (MENEZES; SOUZA, 2022). Em seu primeiro capítulo, questionaria Krenak se somos mesmo uma humanidade e como o poderíamos ser, se em tanto somos tão diferentes? Esta perspectiva biologicista e naturalista da espécie humana, da qual o autor se afasta, seria extremamente reducionista ao anular nossa diversidade cultural (CHAKRABARTY, 2018; ELLIS, 2018). Mas como podemos ser tão iguais se vivemos em flagrantes e injustas desigualdades? A maioria de nós, este 'nós', humano abstrato, lembra o autor, não possui o mínimo digno necessário que teriam direito um indivíduo desta suposta humanidade. Sofreremos todos, por exemplo, dos males climáticos e das consequências dos descuidos com nossos habitats e ambiente. Mas não somos igualmente responsáveis pela destruição. Nem socialmente enquanto povos ou classes sociais, nem individualmente. Quanto à responsabilização pela crise climática, Guldi e Armitage (2018, p. 112) afirmam que "pensar em termos de espécie" ou na "responsabilización unívoca del ser humano" (Gallini, 2020, p. 214), sustentando uma abordagem biologicista, não passa de uma desculpa descabida do ocidente. No que diz respeito a essa abordagem, Krenak parece concordar no decorrer dos dois primeiros capítulos da obra.

Para Krenak, a existência de muitos órgãos internacionais e instituições como a Unesco, ONU, OEA ou Banco Mundial, é um equívoco. Suas tentativas de conciliação resultam em estabelecer critérios homogêneos para qualquer lugar e povo, como é por exemplo o "mito da sustentabilidade" (p. 16) e as desastrosas concepções derivadas de uma ideia hegemônica de natureza *resource* (SHIVA, 2010). Conforme aponta, estamos legitimando a tempos estes mecanismos castradores, limitando nossas capacidades criativas, nossas liberdades, diversidade e

existências. E é destas relações colonialistas, persistentes até os dias atuais, refletidas nas interações entre o Estado moderno e o que sobrou dos povos originários após séculos de massacres, assaltos e esvaziamentos culturais e territoriais, que surgem as representações deturpadas e simplificadoras que tem estes remanescentes para os poderes constituídos. É desta mentalidade colonialista e seus reflexos que Krenak vem a tratar em seu capítulo seguinte, "Do sonho e da terra".

No capítulo dois essa visão colonialista está bem clara e permite-nos exprimir que aquele modo de operar e pensar homogeneizante, baseado num mundo-mercadoria-recursos da sociedade 'civilizada', entende que povos e sociedades que estabeleçam uma forma diferente da sociedade do "povo da mercadoria" (p. 78) de se relacionar com o mundo, com a natureza e com o outro, ou seja, de forma multicultural e interdisciplinar, devem adequar-se e se inserir neste sistema. Esse pensamento, convencionado de "projeto de exaustão da natureza" (p. 41), não condiz com a visão de mundo de diversos povos, hoje marginalizados e a procura dos poucos e cada vez menores espaços onde seu modo de vida seja possível. No entanto, nos últimos séculos, eram apenas estes povos ameaçados em sua existência. Hoje, em tempos em que atestamos uma era antropocena, caracterizada exatamente pela capacidade destrutiva deste sistema mundo-mercadoria-recursos, estamos todos e todas em vias de extinguir-se. O que deveria "soar como um alarme" (p. 46), o surgimento conceitual de um período histórico cuja principal marca é a destruição antrópica, parece não surtir muito efeito, segundo Krenak.

Krenak nos surpreende, por diversas vezes, com uma análise que foge às perspectivas racionalistas que encontramos em leituras acadêmicas. Para ele, a marca mais profunda do Antropoceno não são os maiores eventos destrutivos até então, mas é a de trazer à tona o flagrante de uma ideia fixa, imutável e homogênea do que é o ser humano, assim como o nosso apego a uma ideia de paisagem e de mundo, como deixa claro no terceiro capítulo. O ser humano, para ele, é um mero passageiro fugaz na terra e o fim do mundo, cujo arauto é uma ideia de Antropoceno e de aniquilação. Seria o fim de que mundo? E para quem? Há quinhentos anos, no que hoje se entende por América, foi o fim do mundo para aqueles povos nativos, nos lembra o autor. Isso ocorre, segundo ele, porque estamos condicionados a um determinado tipo de existência. Mas não estivemos aqui na terra sempre e nem estaremos, então não haveria, conforme seu ponto de vista, por que nos apegamos tanto a esta condição.

Para ele, o que deixa claro no capítulo terceiro, a imagem provedora da mãe terra está nas mais tradicionais culturas pelo mundo e destoa da imagem paterna-patriarcal-autoritária que se construiu pela moderna sociedade ocidental judaico-cristã. A própria ciência sucumbiu aos ditames do mundo tecnocrata e se vê hoje subjugada pela técnica. Não há mais liberdade na ciência e nem para os cientistas. Novos mundos possíveis, nos alerta, alardeados pelos quatro cantos, não podem

se traduzir em satisfatória salvação enquanto o intuito deles seja o de apenas reordenar os espaços e as relações que se estabelecem com a natureza, apenas alimentando, com novas formas, velhos hábitos de consumi-la e de ignorar que somos parte dela, assim como tudo que há.

O livro, composto por exposições orais de Krenak, não apresenta uma estrutura linear e lógica formal científica, como costumamos encontrar em nossos percursos acadêmicos. É uma obra em que o autor deixa claro o seu estilo discursivo, destoando dos formalismos catedráticos e incorporando em discurso construções mentais e saberes tradicionais que os tornam tão ricos e decolonizantes. Seu método de escrita e de arranjo discursivo transparece o caráter transdisciplinar de construção de saber, ao não demonstrar ancoramento em disciplina ou área específica. Este saber abarca diversos campos de conhecimento sem pretender filiar-se a nenhum, mas a todos ao mesmo tempo. A obra é intrinsecamente interdisciplinar, ou não disciplinar.

Krenak nos fala, especialmente para mentes domesticadas pela cultura academicista, eloquentemente - embora de modo demasiado condescendente, sutil em não responsabilizar diretamente como poderia fazê-lo - sobre a falência de algumas de nossas ideias mais caras e fundantes como a do que seria e se existe a própria ideia de humanidade, além de conceitos como o de sustentabilidade, igualdade, desenvolvimento ou mesmo de mundo. Todas estas construções conceituais são abordadas como tal pelo autor, como construções sociohistóricas refletidas na memória coletiva. Ao vislumbrar uma prospecção futura para a humanidade, Krenak o faz com base no acionamento da história das relações humanas com o mundo, numa perspectiva própria de uma história magistra vitae, particularmente útil frente à crise socioecológica atual.

REFERÊNCIAS

CHAKRABARTY, D. Anthropocene Time. **History and Theory,** [S. l.], v. 57, n. 1, p. 5-32, 2018.
ELLIS, E. C. **Anthropocene:** a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2018.

GALLINI, S. ¿Qué hay de histórico en la Historiografía ambiental en América Latina? **Historia y Memoria,** n. especial, p. 179-233, 2020.

GULDI, J.; ARMITAGE, D. **Manifesto pela História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102p.

MENEZES, D. W. L.; SOUZA, B. I. Antropoceno e História: Orbis hypothesis na construção de uma História Ambiental latinoamericana. **Geousp.** No prelo 2022.

PÁDUA, J. A. Brazil in the History of the Anthropocene. In: ISSBERNER, L.; LENA, P. (Orgs.). **Brazil in the Anthropocene.** London: Routledge, 2017.

SHIVA, V. Resources. In: SACHS, W. **The Development Dictionary.** 2. ed. Cap. 14. London & New York: Zed Books, 2010.